

Os exportadores querem política mais ortodoxa

A esperança do empresário Laerte Setúbal, vice-presidente da Duratex e membro do Conselho de Comércio Exterior da Fiesp, é que o novo ministro da Fazenda adote uma política econômica ortodoxa internamente e promova as exportações externamente. Mais precisamente, Setúbal defende a criação de uma secretaria especial de Comércio Exterior, com poder de falar em nome do presidente da República. Essa secretaria seria encabeçada por um "maestro" capaz de coordenar todas as agências oficiais hoje vinculadas às exportações. O candidato de Setúbal a maestro é o ex-presidente da República, Ernesto Geisel.

Setúbal fez essa defesa, ontem, em palestra promovida pela Ordem dos Economistas de São Paulo. "Esse maestro tem de ser um homem cuja autoridade venha do presidente da República", acrescentou Setúbal, que não esconde suas críticas à atual desorganização da política de comércio exterior. "O problema brasileiro é operacional e não de idéias, pois estas nós temos aos montes."

Com a missão de promover as exportações, o coordenador teria o poder também de estudar a concessão de subsídios, empresa por empresa. O Japão faz isso por meio do

imposto de renda e, apesar de ser prática condenada pela concorrência internacional, ninguém consegue comprovar. O problema brasileiro é que a atual dificuldade da balança comercial não se resume a uma maxidesvalorização do cruzado, embora ela viria a ajudar o desempenho das exportações.

Setúbal fez, recentemente, uma consulta a 50 grandes exportadores brasileiros sobre as suas necessidades de mudança da paridade cambial. As projeções oscilaram de zero, ou seja, para alguns o câmbio está perfeitamente ajustado, a 36%, dependendo da atividade econômica e do mercado consumidor. A média, assim, indicou uma expectativa de desvalorização do cruzado de 20%.

A Duratex, por exemplo, está cumprindo suas metas de exportações, ajudada pela depreciação do dólar em relação às moedas fortes internacionais. Os concorrentes europeus da empresa brasileira, diante da desvalorização da moeda norte-americana, tiveram de elevar seus preços. Desse modo, abriram espaço para a penetração da Duratex. "Estamos conseguindo manter o nível de exportação que desejávamos, mas a nossa rentabilidade ainda não voltou aos níveis de quatro anos atrás".

O mesmo não ocorre com a Volkswagen do Brasil que, juntamente com a Ford do Brasil, é hoje controlada pela holding Autolatina. Domingo último, em entrevista ao programa "Crítica e Autocrítica", o presidente da empresa, Wolfgang Sauer, informou que a Volkswagen deixou de exportar para os Estados Unidos, nos primeiros quatro meses de 1987, 20 mil veículos, que corresponderiam a um ingresso de US\$ 100 milhões. Esse mau desempenho levou a fábrica a rever suas previsões de exportações para este ano: de US\$ 800 milhões, inicialmente, a expectativa de vendas caiu agora para 600 milhões.

Para melhorar o desempenho, Sauer defendeu uma desvalorização de 20% a 25% do cruzado em relação ao dólar, mas também atribuiu a fraca receita às dificuldades da montadora em se abastecer de autopeças. "Perdemos volume por falta de material", afirmou o empresário, preocupado com a imagem do Brasil.

Também o diretor da Cotia Trading, Roberto Gianetti da Fonseca, está preocupado com a imagem. "O brasileiro trata o comércio exterior como atividade eventual, quando deveria ser permanente" criticou ele.